

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Caroio Bragilense

Class.: 03

Data: cedi janeiro de 1979

Pg.: _____

Índio perde a cabeça e agita loja da Funai na Rodoviária

O índio Itamaray, da tribo dos Nhanbiquaras, está em Brasília para cobrar à força os direitos de seu povo. Pelo menos foi o que afirmou - e deu demonstração - em duas lojas da Funai na Estação Rodoviária, local de suas permanentes perambulações.

Como cacique, Itamaray entrou nos postos de comercialização de artesanato indígena e exigiu parte do estoque. O seu argumento: as flechas, arcos, bordunas e lanças que trouxeram do Mato Grosso, foram negociados. E, no seu entender, a Funai deveria entregar-lhe a preço de custo os artesanatos para ele continuar o seu comércio ambulante.

As funcionárias do posto da Rodoviária explicaram-lhe que a entrega do artesanato dependia de uma autorização da Funai. Itamaray não gostou da resposta, ficou nervoso, gesticulou muito e fez a primeira exteriorização de revolta: "Branco é muito enrolado...". A raiva do índio foi aumentando, traduzida em monossílabos que as funcionárias não compreendiam, e explodiu no ultimato:

-Índio quer o seu trabalho ou dois mil cruzeiros. Quero e quero e não vou sair daqui...

Dona Zulmira Maria de Sousa, encarregada do posto, e sua auxiliar ficaram temerosas com a decisão de Itamaray, mas continuaram a atender os eventuais fregueses. "Eu pensei", diz dona Zulmira, "que ele acabaria desistindo da exigência". Itamaray, porém, estava decidido a "cobrar os direitos do meu povo" e "não sair daqui (o posto) com as mãos abanando". Quando um motorista da Funai fazia entrega de artesanatos, armou-se com uma lança e entoou o grito de guerra: o motorista somente teve tempo de se abaixar, para desviar-se da arma arremessada pelas mãos hábeis de Itamaray.

A lança atingiu a borda de uma urna de barro, quebrando quase todo o gargalo, e o barulho atraiu logo a atenção das centenas de pessoas que esperavam ônibus na Rodoviária. Os populares estranharam o comportamento do novo "comerciante" que gesticulava e dizia: "aqui não precisa entrar ninguém".

Minutos depois, dona Zulmira retornava acompanhada da polícia. O cacique Nhanbiquara reafirmou suas exigências e deixou os soldados desconcertados. Itamaray alegou sua condição de amparado da Funai e afirmou que somente dialogaria com o "general Ismarth de Oliveira", negando-se a sair do posto.



Dona Zulmira: "Foi a primeira vez..."



Itamaray foi cobrar "os direitos do meu povo" na loja da Funai, na Estação Rodoviária

Diante da recusa do índio, os policiais solicitaram a intervenção da 2ª Delegacia. O delegado de plantão compareceu à Rodoviária e com muita insistência convenceu Itamaray a se retirar e fazer suas queixas à Funai.

As informações que se tinha ontem é que na Funai o índio foi aconselhado a procurar o Palácio do Planalto. Isso é confirmado por um policial, que afirma: "ainda ontem alguém do Palácio telefonou, dizendo que tinha um índio perturbando".

Ainda não se sabe se Itamaray obteve satisfação para suas queixas. Ontem, segundo vários comerciantes, ele "estava rondando aqui na Rodoviária. Mas, devem ter arranjado qualquer coisa para ele, porque ele não foi mais importunar a senhora da loja de artesanato".

DUAS MULHERES

O cacique Itamaray já é um produto de miscigenação racial. De índio mesmo, lembram as funcionárias da loja da Funai, "ele tem apenas o cabelo. O avô dele é que era índio". Dona Zulmira afirma que o índio "sempre apareceu por aqui, mas foi a primeira vez que ele provocou estragos". E diz, também, que "ontem ele andou quebrando coisas lá na loja do Aeroporto".

Itamaray, segundo as funcionárias da Funai, segue as tradições do avô. Anda acompanhado de duas mulheres louras e quatro crianças, afirmando que são suas "esposas e filhos". Uma das mulheres está com olho direito arroxado e quando um soldado perguntou o que acontecera, o cacique se adiantou na resposta: "É problema meu..." E olhou, carrancudo, para as mulheres e crianças.

O turbulento índio já conseguiu ganhar a antipatia dos comerciantes do Conic e Estação Rodoviária. Os do Conic são os mais radicais, pois acusam Itamaray de "imoral". Afirmando que ele costuma ficar no subsolo do conjunto comercial, olhando "as pernas das senhoras que passam no piso superior".

Um policial do plantão em frente ao Conic confirma a acusação: "Esse índio é débil mental ou sem-vergonha. Ainda não lhe apliquei uma borrachada porque... sabe... esse negócio de Funai..." E acrescenta:

- Ainda há pouco ele estava por aqui, mas parece que embarcou para o Mato Grosso. Ele estava com umas passagens.